

Receita Para Presentear



“A oferta sem o ofer-
tante é vazia”,
disse o poeta.
O bom presente
reflete consi-
deração e carinho



Condensado de CHRISTIAN HERALD

EVAN HILL

EU FÔRA primeiro a um joalheiro e a um florista, mas ambos me desapontaram. Eu pretendia comprar um presente para Priscilla, minha espôsa—num gesto de amor e afeto, do tipo do raminho de flôres silvestres que o garotinho dá à mãe pela razão única de gostar dela.

Os vendedores que me atenderam disseram compreender. Perguntaram-me até quanto eu estava disposto a gastar. Eu não queria dizer-lhes que absolutamente não pensara num preço; que realmente só imaginara o

meigo sorriso de Priscilla quando eu lhe entregasse o presente.

Fui, pois, à loja do Stanley Lewis. Stanley é meu amigo, dono de uma loja desmantelada que vende antiguidades, móveis usados e velharias. É um solteirão de meia-idade que nunca espana as suas mercadorias, e que provàvelmente jamais ficará rico. Expus-lhe o meu problema. Êle coçou o queixo coberto de barba grisalha de dias, e a seguir conduziu-me ao interior do cômodo acanhado e sombrio onde lima serras.

Abrindo uma gaveta, tirou de dentro dela um pequeno bôlo de estôpa. A estôpa envolvia um delicado broche de ouro, de modelo antigo, com um oval de marfim emoldurando a pintura de um rosto enérgico, tranqüilo e formoso de uma mulher de cêrca de 30 e tantos anos.

Contemplamo-lo mudamente.

—É isso exatamente o que estou procurando—disse eu.

—Imaginei que seria—respondeu meu amigo, e fêz uma breve pausa. —Mas não está à venda. Pelo menos agora. Talvez daqui a algumas semanas. Eu gosto de olhá-lo de vez em quando.

—É uma pena—disse eu.—Gostaria de oferecê-lo à minha mulher, agora.

Stanley resmungou:

—Você encontrará outra coisa. Você não teria olhado duas vêzes para êste broche se o tivesse visto na vitrina de uma joalheria.

Êle tinha razão. Eu tivera a sensação de haver *descoberto* aquêle broche, e isso lhe comunicava qualquer coisa de especial. Na vitrina da joalheria eu simplesmente o teria *visto*.

Quando me retirava, tropecei nuns grandes tubos recurvos de cobre pesados, de cêrca de 15 centímetros de comprimento, que tinham uma esfera numa das extremidades.

—São remates de coelheira—explicou Stanley.—Usavam-se para enfeitar os arreios dos animais. Duas peças desta serviriam.

—Para Priscilla?

—Servem como vaso de flôres—

disse-me Stanley.—Pendure-os na parede.

Comprei-os e voltei ao florista para buscar cravos vermelhos. Em casa, esgueirei-me para a adega com os nossos dois filhos, e levamos quase uma hora polindo os metais. Quando terminamos, as crianças encheram de flôres os graciosos e reluzentes remates de coelheiras. Levando-os escondidos atrás das costas, elas subiram até onde Priscilla as esperava.

Os vasos são bonitos mesmo. Estão pendurados no saguão da entrada, dando vida a um ramo de hera, um cardo roxo ou uma flamejante fôlha de outono. Não são presentes comprados; são presentes que foram descobertos, polidos e preparados—especialmente para Priscilla.

Naquele dia eu fiquei sabendo o que Walt Whitman quis dizer quando escreveu: “Quando dou, dou-me a mim mesmo.” Compreendi que a verdadeira dádiva deve conter algo de quem dá. Porque o presente ideal é aquêle que pertence exclusivamente à pessoa que o recebe, é aquêle que mostra que o ofertante realmente lhe presta atenção e lhe dedica carinho.

Uma senhora de meia-idade que eu conheço, criada num sítio modesto, jamais esquecerá os cartões de Natal que sua mãe pintava todos os anos à aquarela. Cada membro da família recebia um, ainda que recebesse pouca coisa mais. Cada cartão, com sua simplicidade e beleza, tinha o seu verso especial de amor—o mais precioso de todos os presentes.

Pouco antes do Natal do ano passado um amigo meu recebeu uma cartinha da irmã. Até então, dizia ela, êle tinha mandado cheques pelo Natal para os quatro sobrinhos, mas ela achava que o dinheiro não demonstrava interêsse, não era pròpria-mente um presente. O meu amigo ficou sem saber o que fazer. Êle mal conhecia os sobrinhos. Não fazia a menor idéia do que precisavam ou queriam. Resolveu mandar-lhes coisas que êles talvez não pudessem obter onde viviam—coisas antigas.

Para o de 10 anos, de cabelos rui-vos, conseguiu uma cartola ainda guardada na chapeleira em que era transportada em 1880. Um velho descascador de maçã, de ferro fundido, foi para o de 16 anos. Uma balança de ferro destinou-se ao de 15. E para o de 18, econômico e estudioso, escolheu uma bolsinha de couro que algum fazendeiro usara lá pelo comêço do século. Acrescentou um descaroçador de passas para a irmã e uma verruma para o cunhado. Um tanto apreensivo, despachou os pacotes.

Os presentes foram um sucesso estrondoso. A cartola, como se informou numa carta de agradecimento, foi usada durante todo o Dia de Natal. A balança pesou “quase tôdas as pequenas coisas móveis que havia em casa”, para depois passar a decorar a parede do quarto de dormir do rapazinho. O descascador de maçã “serviu perfeitamente para maçãs e batatas, escorregava um pouco ao descascar laranjas, não era muito

bom para cenouras e não servia absolutamente para descascar bananas”. O descaroçador de passas fôra uma completa inutilidade, como sempre, desde quando o haviam patenteado em 1887; a verruma, porém, servia como saca-rôlhas. Em suma, os presentes oferecidos pelo meu amigo agradaram, porque êle usara a imaginação e soubera acrescentar encanto ao seu gesto de dar presentes.

Certos presentes despertam recordações, permitindo-nos reviver a felicidade de dias passados. Presentes assim podem ser muito fáceis, mas são poucos os que os procuram. Lembro-me de uma jovem que retirou a hera inglêsa de um buquê de noiva que conseguira pegar num casamento, plantou-a e, mais tarde, mandou-a, num vaso, como presente para a môça, no primeiro aniversário de seu casamento. Um homem que construiu uma luxuosa residên-cia de verão insistiu em que a ala dos dormitórios fôsse coberta de zinco. A cobertura foi uma surprêsa para a sua espôsa, que muitas vêzes lhe dissera que, quando menina, costumava adormecer ouvindo a melodia da chuva caindo docemente no telhado de zinco. Agora, passados 30 anos, êle lhe restituía parte da sua meninice.

Um amigo meu perdeu tudo o que guarnecia a sua casa num grande incêndio. A irmã dêle passou meses reproduzindo fotografias do álbum de família destruído no incêndio. Ela sabia quanto seu esfôrço seria apre-

ciado pela família do irmão. Outra mulher imaginosa tomou secretamente lições de culinária com a própria sogra, e surpreendeu o marido no dia do seu aniversário com pratos que êle adorara em criança.

Um dos mais bem escolhidos presentes para criança de que tenho conhecimento foi uma garrafinha barata, de extrato de salsaparrilha, açafão e outras raízes hoje pouco usadas. Quem me falou sôbre êle foi uma senhora inteligente, que mandou a garrafa ao neto, embrulhada como presente, quando êle completou 11 anos. O resultado foi tôda a família divertir-se extraíndo sucos daquela espécie, com os adultos a se recordarem da sua infância e as crianças a arrolharem com entusiasmo as garrafas, guardando assim um agradável momento familiar que sem dúvida terão prazer em transmitir mais tarde aos próprios filhos.

Há mais de 200 anos William Congreve escreveu: "A beleza é a dádiva de quem ama." E a beleza está em tôda parte, é só procurá-la. Um guarda-florestal de mãos calosas arranca um cogumelo alaranjado de um pinheiro caído e guarda-o no bôlso. "Minha mulher gosta de coisas bonitas", comenta meio acanhado.

A beleza é intangível e, muitas vêzes, não custa nada, mas nem por

isso deixa de ser uma dádiva. No começo da primavera passada eu descobri uma impressionante paisagem nas montanhas. Guardei-a para Priscilla até que a folhagem do outono se apresentasse em todo o seu esplendor, e então, uma tarde, enquanto o sol-poente lançava dardos de luz por entre os álamos e as faias, levei-a a contemplá-la.

Um dos presentes mais considerados que conheço foi dado ao meu amigo Raymond Holden por sua esposa, Barbara. Raymond, poeta e naturalista, ama os bosques e as colinas, os brejos e os córregos. Num dos últimos natais Barbara presenteou-o com um documento especial encadernado em azul: o título de uso de uma floresta de 700 hectares. O direito de uso, pelo qual ela paga à companhia madeireira proprietária da floresta 25 dólares anuais, permite a Raymond percorrer a floresta, colhêr espécimes, construir cabanas, abrir atalhos e acampar onde quiser dentro daquela vastidão; êle só não pode cortar madeira para vender. Foi um presente que tinha o dom de agradar permanentemente.

Não digo que eu seja capaz de dar um presente assim. Mas descobri, finalmente, o segredo do presente perfeito: algo especial para uma pessoa especial.



UM ELOGIO é uma dádiva que não deve ser displicentemente jogada fora, a não ser que se queira magoar quem a deu. —Eleanor Hamilton, em

Partners in Love (Ziff-Davis, ed.)